

Entrevista

Paulo Roberto Sodré nasceu em 1962, em Vitória, ES. Trabalha como professor de literatura portuguesa na Universidade Federal do Espírito Santo desde 1989. Graduou-se em Letras-Inglês pela UFES, fez mestrado e doutorado em Letras (Literatura Portuguesa) na Universidade de São Paulo (USP), com período sanduíche na Universidade de Lisboa, e Pós-doutorado em Letras (Literatura Portuguesa) na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Seu trabalho como pesquisadorenfatiza sobretudo a sátira e o humor literários em língua portuguesa.

Destacam-se, na sua produção teórico-crítica: *Um trovador na berlinda: as cantigas de amigo de Nuno Fernandez Torneol* (1998), *Cantigas de madre galego-portuguesas. Estudo de xéneros das cantigas líricas* (2008) e *O riso no jogo e o jogo no riso na sátira galego-portuguesa* (2010). Como poeta, publicou *Interiores* (1984), *Dos olhos, das mãos, dos dentes* (1992), *De Ulisses a Telêmacos e outras epístolas* (1998), *Senhor Branco ou o indesejado das gentes* (2006), *Poemas de pó, poalha e poeira* (2009) e *Poemas desconcertantes seguidos de Senhor Branco ou o indesejado das gentes* (2012). Seu percurso literário também inclui o romance *Lhecidio: gravuras de sherazade na penúltima noite* (1989) e narrativas voltadas ao público infantil: *Ominho* (1987) e *Guido, a folha e o capim* (2010).

A entrevista que segue, concedida com exclusividade a Andréia Delmaschio e Vitor Cei entre julho e agosto de 2018, é uma atividade do projeto de extensão “Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas”, que se apresenta como um esforço de mapear a produção literária brasileira do início do século XXI contando com a perspectiva dos próprios escritores. O projeto pluri-institucional é registrado na Universidade Federal de Rondônia sob a coordenação de Vitor Cei e conta com a participação dos professores André Tessaro Pelinser (UFRN), Andréia Delmaschio (IFES) e Letícia Malloy (UERN).

Nesta entrevista, Sodré reflete a respeito de matizes de seu processo de escrita e da recepção de sua obra, apresentando uma poesia em que o autor opta por tratar da homoafetividade “naturalmente”, a fim de continuar conquistando espaço nesse mundo dominado por um senso-comum conservador, heteropatriarcal e LGBTQIfóbico.

1. Cada escritor possui método e estilo próprios. Gostaríamos que comentasse as opções formais e temáticas que norteiam seu projeto literário. O poema “(...)”, que serve de introdução a Poemas de Pó, Poalha e Poeira, atesta que “Depreende-se/ da superfície/ uma caligrafia / espessa e áspera”. Em que medida esses versos dizem de seu processo criativo?

Esses versos de fato contornam bem o que entendo ser meu processo criativo: observar a superfície do que está ao meu redor e ser, inesperadamente, surpreendido pelos seus abismos de encantamento, repulsa, entusiasmo ou melancolia. Por caligrafia compreendo a expressão daquilo de que não consigo escapar como observador do mundo e de seu impacto sobre mim. Não se trata, portanto, de (ou apenas de) beleza (cali) no sentido mais previsível, mas de espanto, assombro, maravilha. Sou um olhador, feito Alberto Caeiro, cujo verso emblemático me acompanha desde que o conheci (e que eu adoraria tê-lo escrito): “Sou fácil de definir. / Vi como um danado”. E o que olho, em geral, e escrevo está na ordem do espesso (por difícil de discernir) e do áspero (difícil de assumir), porque percebo especialmente e me sinto vulnerável a dois temas: a evanescência do humano e de tudo que lhe diz respeito e a homoafetividade, assuntos que me acompanham desde as primeiras leituras (foi de uma perplexidade lindíssima descobrir *Em nome do desejo*, de João Silvério Trevisan, e, antes, *Morte em Veneza*, de Thomas Mann, ou, depois, *Maurice*, de Edward Morgan Forster, ou “Frederico Paciência”, de Mario de Andrade, narrativas (a poesia descobri mais

tarde) explicitamente dedicadas ao motivo do amor entre iguais, e dar-me conta de que se escrevia e publicava-se uma literatura acerca disso) e os primeiros textos produzidos, mesmo que mais velados inicialmente. Tratar desses aspectos da humanidade (e minha, decerto) norteia ainda hoje minha produção. Assim, muitos temas (a viagem, o afeto familiar, a tradição literária, a transcendência) me seduzem, mas aqueles dois é que acabam atravessando todos e passando mais facilmente pelo filtro da seleção de textos que me leva a publicar um livro.

Embora produza com relativa facilidade (as palavras e as frases costumam ser generosas a meu apelo), só vou adiante se um projeto se define primeiramente. Isso significa que uma ideia me chega; avalio sua relevância para mim e para quem eventualmente me leia, procurando detectar alguma utilidade em sua expressão. Neste sentido, por exemplo, perguntei-me, apesar de minha imaturidade na época, que importância teria a produção de poemas explicitamente homoafetivos no final dos anos de 1980; considerei meio intuitivamente, meio propositalmente, que “tirar do armário” esse tipo de poesia, sem a militância e sem a obscenidade comuns na produção desse período (de que eu tinha notícia), poderia ser ao mesmo tempo um clarear de posição pessoal na comunidade e um tipo de contribuição poética e política. Assim pensando, passei a adotar o método de me centrar em um ponto temático e elaborar textos exclusivamente a partir dele. Adquiri esse hábito ou esquema de produção, portanto, no início dos anos de 1990, quando publiquei *Dos olhos, das mãos, dos dentes* (1992). Desde então, gosto e prefiro articular minha poesia (ou prosa, mais recentemente) nessa direção.

2. Seus primeiros poemas foram publicados em Interiores, de 1984. Que diferenças você destacaria entre este primeiro livro e o seu mais recente livro de poemas? Existiria uma inequívoca evolução no trabalho de escrita, da juventude para a maturidade? Se existe, a que tipos de experiência ela se deve?

Imagino que dois eixos se mantêm desde esse primeiro livro: o fascínio pela imagem (meus poemas se caracterizam muito mais pela busca da imagem [em geral pictórica] do que pela demanda do som ou da ideia/pensamento) e o encanto pelo tema da homoafetividade, na época (anos de 1980 e 90) ainda de difícil expressão e circulação, apesar dos esforços da geração mimeógrafo, dos poetas malditos et al. Creio que a comparação entre os primeiros livros de poemas e os últimos resultaria na conclusão de que os iniciais são caudalosamente imagísticos, o que lhes confere hermetismo, ao passo que os últimos continuam sob a diretriz das imagens, mas de modo mais contido, econômico, menos obscuro. Isso advém, penso, da leitura mais frequente de autores mais moderados e igualmente atentos às imagens, como Matsuo Bashô, João Cabral e, talvez especialmente, Roberto Almada, cujo *O país d'el rei* e *A casa imaginária* me impressionou muito na época de sua primeira edição (1986). A idade, por sua vez, também me ajuda a ser menos retumbante, indicando-me que se pode dizer (e viver) muito com pouco.

3. Em 2012, a editora Cousa lançou *Poemas desconcertantes, seguidos de senhor branco ou o indesejado das gentes*, volume que é uma coletânea bastante vasta da sua poesia. Como você definiria, hoje, a sua trajetória literária de mais de três décadas? Houve um momento inaugural ou o caminho se fez gradualmente? Em que momento da vida você se percebeu um escritor?

Caramba, pensar em três décadas de “trajetória literária” quase me choca... (rs). Na adolescência, fui levado à famigerada produção de versos à flor da pele, aqueles inevitáveis como acne e pelos. Não lhes dei muita trela, embora cada poema me soasse, paradoxalmente, uma contribuição importantíssima para a humanidade, leia-se: irmãos condescendentes, dois ou três amigos também entorpecidos pela proliferação de hormônios e confusões corporais e psíquicas, um e outro vizinho distraídos. Pelo estímulo de um ou outro e, claro, por mim, acabei enviando uma das peças para a seção literária de *A Gazeta*

no final dos anos de 1970. O editor resolveu, por descuido ou por falta de algo melhor provavelmente, publicar um poema meu intitulado se não me engano “Cansaço” (soube disso por acaso, molhado de banho marinho, por meio de uma amiga acomodada numa cadeira de praia colorida, numa clareada manhã de verão [acho] na Praia de Camburi). Desde então, não consegui mais ignorar aqueles versos... e procurei fazer jus à chance inimaginável que Renato Soares generosamente me deu.

4. Guilherme Gontijo Flores (Escamandro, 22/09/2012)¹ observou que o poeta Paulo Roberto Sodré se desdobra em diversas personas, multiplicando-se até mesmo em vários poetas em um mesmo livro. Seu movimento poético seria marcado, segundo Flores, “pela incorporação de novas vozes, tons, meneios estilísticos, que vão do semiépico, passam pelo trovadoresco, até o submundo urbano e lírico, entre homens, mulheres, travestis, mas sem cair na farsa, ou na mera expressão da virtuose”. Que dimensão teria na sua obra o poeta, diante do prosador, do crítico literário ou mesmo do escritor de literatura infantil?

A observação de Flores me ajudou a dimensionar mais claramente meu trabalho com as vozes e sua recepção, uma vez que, embora busque diferenciá-las na dicção dos vários tipos de poemas que escrevi, sempre me pareceram pouco distintas (aliás, Miguel Marvillia havia me chamado a atenção para isso, a propósito de *De Ulisses a Telêmacos e outras epístolas*, em que ele detectou pouca diferença entre as diversas vozes que compõem o conjunto de poemas de vários pais a seus filhos), talvez pela onipresença da imagem como recurso central de minha poética e pela dicção em geral melancólica dos versos.

Ao afirmar isso (que Gontijo me clareou aspectos de meu trabalho), de certo modo ilustro minha atarantada convivência com as personas que me acompanham nesse emaranhado de atuações ao

1 <https://escamandro.wordpress.com/2012/09/22/paulo-roberto-sodre/>

longo de minha vida pessoal e profissional de docente de literatura, de andarilho, de escritor e de desenhador. Misturam-se elas (embora procure equilibrar as dosagens, de maneira que o crítico, por exemplo, não fale mais alto do que as outras vozes e vice-versa); acompanham-se; enfrentam-se; ignoram-se; reconciliam-se elas nesse trajeto que luto para não redundar em esquizofrenia, mas em um prazerososensacionismo pessoano: “Multipliquei-me para me sentir, / Para me sentir, precisei sentir tudo, / Transbordei, não fiz senão extravasar-me, / Despi-me, entreguei-me”. Mas, confesso, apesar da vontade de ser outros, sou fundamente um tímido provinciano, quase canhestro, com o rio Santa Maria fluídomodesto à margem de minha janela, no morro onde se plantou a ilha de Vitória (desculpem-me o excursu; não resisti à imagem).

5. Gostaríamos que nos falasse um pouco acerca da sua atividade como ilustrador. De que modo a circulação por outras artes alimenta a sua escrita poética – ou vice-versa?

Costumo dizer, não sem certo humor, que cometi uma traição às Artes quando optei por fazer Letras na Ufes. O pragmatismo de meu pai Loadyr Sodré, comerciante bem sucedido em Alto Lage, Cariacica, me levou a escolher a licenciatura em Língua Inglesa, rentável num Brasil desenvolvimentista ainda sob a sombra da Ditadura Militar, em detrimento do bacharelado em Artes, muito libertário (ou escandaloso para um rapaz) para a mentalidade suburbana da época.

Creio que fui leitor mais assíduo de imagens pictóricas do que de textos verbais, embora, quando force a memória (sabe-se lá o quanto de ficção há nas memórias...) da adolescência (minha infância foi delineada, além de cartilhas sedutoramente ilustradas, sobretudo por quadrinhos de *O príncipe Valente* e figurinhas de álbuns variados [*O porquê das coisas*] e da revista *Recreio* [aguardava ansioso seus números nas bancas], e por filmes de TV em P&B), me vem paralela e cúmplice

a descoberta dos poemas escultóricos de Bilac e da voluptuosidade de Peter Paul Rubens e da narrativa densa de Lins do Rego e do cromatismo exato de Gustave Courbet.

Assim sendo, talvez a ideia de “traição” seja exagerada; precisei fazer a escolha entre duas vontades: a de *ver* plasticamente e a de *ler* literariamente. A graduação em Letras-Inglês ainda me permitiu levar adiante as duas atividades, desenhar (ilustrar, graças a Francisco Aurelio Ribeiro, a quem agradeço imensamente a chance de me iniciar nesse aprazível ofício) e poetar. Com a docência e a carreira acadêmica, contudo, aquela se tornou cada vez mais rareada.

De todo modo, creio que as Artes (em especial as figurativas, em particular as impressionistas-pontilhistas e as fauvistas) permeiam meu trabalho verbal, na medida em que este pode ser observado como um desenho, dada a importância que a descrição, por meio das imagens, assume nos versos que venho produzindo ao longo dos anos.

6. O livro de poemas *Dos olhos, das mãos, dos dentes*, de 1992, além de ser um belo experimento com variados ritmos e formas poéticas, nos parece a um tempo ousado e tocado de enorme delicadeza no trato da temática homoafetiva. José Carlos Barcellos, no artigo intitulado “Poéticas do masculino: Olga Savary, Valdo Motta e Paulo Sodrê”, alinha-o a uma via de não contestação dos “valores da sociedade e da cultura heteropatriarcais”, afirmando que “o que se marca não é a diferença ou singularidade do desejo homoerótico, muito menos uma suposta tragicidade que lhe seria inerente, mas sua naturalidade não-problemática, em meio às múltiplas circunstâncias em que se manifesta e é vivido (p. 84-85). Estaria você de acordo com essa leitura da proposta que realizou nesse livro singular?

Conversamos, Barcellos e eu, na altura em que publicou o artigo, sobre minha concordância a respeito de sua percepção. De fato,

e especialmente se comparada à de Waldo Motta, minha poesia não declara o “problema” da homoafetividade, ainda mais polêmica e difícil na ressaca da herança militar brasileira nos anos de 1980 e 1990. Disse-lhe, no entanto, que, ao colocar o amor entre iguais em sua “naturalidade não-problemática”, pretendia justamente alertar os leitores para a possibilidade de amar homoafetivamente, sem *explicitar* o problema, de modo que a poesia *de* e *sobrehomoafetivos* não precisasse ser via de regra acusatória e “dedo em riste”. Tratar desse afeto “naturalmente”, em meio a comadres e compadres horrorizados com isso, seria uma forma de expor (e desejar e lutar por) uma possível *naturalidade* a ser aos poucos expressa e conquistada, como hoje, de alguma forma, a temos. Uma atitude política esquisita em relação aos textos de *O Lampion da Esquina* de Motta, mas que me pareceu possível (e, claro, em acordo com meu temperamento) na altura. Vale notar, entretanto, que há um poema no livro que adere a essa tendência militante e problemática, “De viris”, em que glosou um verso de Motta: “Não obstante, / acredito piamente no homem, sério! / mas êta rocinha à toa, ordinária!”.

7. Você é professor da UFES desde 1989. É possível notar, a partir dessa data, alguma mudança significativa na postura dos alunos em relação ao interesse e ao estudo de literatura? O que dizer mais especificamente sobre a leitura e a pesquisa em torno da poesia? E mais: lecionando é possível identificar os alunos que têm talento para escrever e que podem se tornar escritores?

O incentivo que programas, como Iniciação Científica, cursos de extensão, como Oficina Literária, ou disciplinas, como o Laboratório de Práticas Culturais: Criação Literária, têm garantido aos leitores, produtores e receptores de poesia é inegável. Não percebo grande aumento no percentual de interessados. No curso de Letras, acho que o número desses agentes sempre se manteve discreto, ainda que qualitativamente seja sempre significativo.

Sim, sem dúvida. Percebem-se claramente os sensíveis ao poema e a sua feitura, ainda que estes nem sempre se sintam seguros para dar continuidade a sua tendência criativa. Como isso depende muito do tempo de cada um, as orientações e dicas são dadas, cabendo a eles segurá-las ou não.

8. O que você pensa acerca dos escritores brasileiros contemporâneos? Que autores você tem lido? Ou, afastando a pergunta de nomes específicos, para pensar a literatura brasileira atual como um todo: o que você vê?

É muito difícil ter uma opinião a respeito de um quadro de produção literária num país que, passe o clichê, é continentalista. Sinto-me imensamente defasado em relação ao que se produz e se publica por aqui no estado e, mais descompassado ainda em relação ao que se edita no Brasil, seja em mídia impressa, eletrônica ou digital (o que multiplica os índices de produção literária). Casé Lontra Marques, em Vitória (poesia alta e belamente abstrata); Guilherme Gontijo Flores (prosa literariamente referencial), em Curitiba; Cristino (do povo) Wapichana (contos encantadoramente étnicos), de Roraima, e João Meirelles Filho (narrativa culturalmente ribeirinha), em Belém, são alguns que tenho tido a chance de ler, cada qual com tendências muito distintas que revelam muito das linhas multiculturais de produção literária atual.

9. No Brasil, a poesia tem um alcance bastante limitado em termos de público. Como você percebe esse problema? A partir de inícios do século XX, terá a poesia efetivamente ocupado algum lugar de destaque no debate cultural?

A história literária (e cultural) nos indica com muitos exemplos a constante limitação da poesia em termos de recepção. Produção de pares para pares, com algum aumento percentual aqui e ali, mas nada que retire da poesia a pecha secular de “texto para poucos”. Não vejo

isso exatamente como um problema da *poesia*, mas de tudo e de todo produto cultural que demande tempo, sensibilidade e disposição das pessoas para, por meio deles, encararem questões que inevitavelmente colidem com sua zona de conforto psíquico, ético e ideológico. Pensando assim, há pouquíssimos receptores para conversas densas, momentos solitários e silenciosos, aspectos próprios para o ritual da leitura de poesia: suspensão de tempo, silêncio, concentração, dedicação. Do mesmo modo, há pouquíssimos receptores de muitos produtos culturais não massificados nem comerciais e fáceis, como a música instrumental, a canção popular “de raiz”, o drama cinematográfico e teatral, a pintura abstrata ou a arte performática, a fotografia autoral, a dança contemporânea, o canto coral, os folguedos etc. Cada um desses produtos também sofre a limitação de público dada a necessidade de suspensão dos afazeres cotidianos e da imersão em reflexões e ponderações que arranham aquela zona de conforto. O importante é que cada um deles tenha seu lugar de quando em quando nos debates. E isso sem dúvida tem acontecido aqui e ali. Ana C. ou Hilda Hilst como homenageadas na Flip de 2016 e deste ano, respectivamente, é um indício desse lugar ao sol.

10. Você acaba de ser contemplado com o prêmio SECULT para a publicação de um romance. Como é escrever ficção (e poesia) no Espírito Santo? Quais os meios mais eficazes para publicar e distribuir, nesse contexto ao mesmo tempo tão próximo do ainda chamado eixo Rio-São Paulo, e tão diverso dele? Como você vê a recepção da sua obra no lugar em que vive e trabalha?

Brinquei uma vez numa palestra, afirmando que sou uma espécie de escritor “oficial”, porque até a publicação por conta própria de *Poemas desconcertantes* (2012), todos os meus livros haviam sido publicados por instituições como a Ufes (pela Fundação Ceciliano Abel

de Almeida), o Departamento Estadual de Cultura (DEC, atual Secult) e o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Isso me garantiu alguma visibilidade, limitada por certo, já que se trata de poesia, aqui no estado. Lembro-me de que nos anos de 1990 e 2000 especialmente quis muito ser publicado (e ainda desejo, claro, mas sem a mesma ansiedade e urgência) em São Paulo (onde desenvolvi Mestrado, Doutorado e estágio de pós-doutoramento) ou em Lisboa (onde estive por conta de uma bolsa de doutorado sanduíche) e Santiago de Compostela, onde galego e português se irmanam linguisticamente. Ironicamente, tive um livro editado em São Paulo, mas um ensaio (adaptação da dissertação de Mestrado), e outro em Santiago de Compostela, mas também um ensaio (tradução para o galego de minha tese de Doutorado). Nenhum trabalho literário (à exceção de um poema, “Onde Froidmond”, publicado no blog de um amigo de Lisboa, João Henriques, que o postou gentilmente) teve a mesma sorte dos livros acadêmicos. Diante desse quadro, não me queixo, mas me surpreendo. Depois dessa experiência curiosa, outra ainda ocorreu: recebi um convite para publicar alguns poemas na revista *Hétérographe: Revue des Homolittératures ou Pas*, de Lausanne, Suíça, pelo intermédio gentilíssimo de Maria Ana Ramos, docente da Universidade de Zurique. Sempre pensei em traduzir alguns poemas para o inglês ou espanhol, língua de que gosto muito, nunca havia pensado no francês... e, no entanto, eis alguns poemas em francês. Surpreendeu-me (não me queixei da sorte, e agradei-me, decerto) imensamente essa publicação inesperada.

Passadas essas experiências, deixei de lado a edição extramuros de meus livros e passei a curtir mais estreitamente os “poucos” leitores de meus trabalhos, em geral, receptores que respeito muito, o que me satisfaz muito como escritor. Acho um privilégio ser lido de alguma maneira em meu estado e ser nele, imagino, respeitado, sobretudo considerando a “aspereza” temática de meus textos.

11. Atualmente, no Brasil e no exterior, vivemos a ascensão de uma onda reacionária que traz em si matizes autoritários, racistas, misóginos e homofóbicos. Gostaríamos que você nos ajudasse a compreender: onde estava guardada tanta monstruosidade? Houve um ponto ou marco crucial para a detonação de uma circunstância como esta que vivemos hoje? O que você imagina ou espera como coda do atual estágio da humanidade?

Responder a essa questão requer uma reflexão filosófica, psicanalítica e antropológica a que minha alçada de pessoa de algum modo pessimista e em certos casos desinteressada de labirintos de pensamento e teorização não faz jus. Contudo, não posso deixar sem alguma consideração, por leve (e polêmica) que seja, essa preocupação que vocês trazem, porta-voz de uma inquietação que perturba um não pequeno número de pessoas, ainda que reduzido diante do imenso número de indivíduos que compõem certo senso-comum conservador: heteronormativo, cisgênero, patriarcal e sobretudo numa síntese – em vez de usar termos como misógeno, xenófobo, racista, LGBTQIfóbico etc. – *narcísico* (isto é, o que não reconhece senão a si mesmo [gênero, cultura, raça etc.] como possibilidade de ser e estar no mundo).

Para evitar páginas de resposta – e correndo o inevitável risco do laconismo –, lanço mão de relato breve de um trajeto que talvez explique minha posição destituída em parte de otimismo em relação à evolução da civilidade.

O contato com duas ideias me impressionou de tal modo, ao longo de minha formação como leitor e como cidadão, que não consigo, por mais que tente, deixá-las de lado quando me vejo diante da necessidade de explicar, ao menos para mim, os caminhos e descaminhos das pessoas na história. A primeira é a da oscilação ou revezamento entre o que Georg Wilhelm Friedrich Hegel considerou *tese* e *antítese*, cuja *síntese* se tornaria inevitavelmente *tese* a provocar indefinida e

sazonalmente antíteses e teses no pensamento e, por conseguinte, na ação dos indivíduos. A segunda, mais assustadora, é a (suposta) lupinidade da natureza humana, segundo Thomas Hobbes: o homem é o lobo do homem, em variados níveis, do mais sutil (competitividade inconsciente entre afetos, por exemplo) ao mais evidente (disputa bélica derivada do desejo compulsivo de poder). Por mais que eu procure evitar especialmente esta ilação, registrada no longínquo século XVII inglês, e por mais que algumas pessoas se revelem mais *pessoas* do que *lobos* na história das personalidades e das comunidades, ao fim e ao cabo, nas situações-limite (e é aqui que nos revelamos de fato, sem os frágeis ou relativos vernizes civilizatórios [exemplificados pelas ações que assumimos em guerras, conflitos urbanos e domésticos a que assistimos todos os dias]), o instinto de sobrevivência ou de demarcação territorial (como fazem instintivamente os animais que iniludivelmente somos) e o profundo narcisismo que nos emoldura acabam por nos fazer decidirmo-nos por ações muitas vezes nefastas e monstruosas.

Esses esquemas que identifico na sucessão de iluminações e obscurantismos ao longo dos séculos é que explicam para mim essa onda de reacionarismo a que assistimos, ainda perplexos (e que surpresa deveríamos sentir diante da inequívoca lupinidade de nossa natureza, cuja animalidade procuramos recalcar – mas sem superá-la – o tempo todo em nossa formação?), no cotidiano, nos noticiários, na ficção.

No Brasil, após 21 anos de governos fascistas e – passe o pleonasma –, autoritários (1964-1985), conseguimos relativizar a herança maldita com quase 15 anos de governos não autoritários, ainda que conservadores, e com 12 anos de governo de dimensão mais esquerdista, menos conservadora (2004-2016), se considerarmos o perfil de um país visceralmente cristão, leia-se: patriarcal, heteronormativo, branco, capitalista. Após esses anos todos, não surpreende que uma onda contrária, abafada durante cerca de 30 anos, se anime e ganhe força e ameace a iluminação social que obtivemos nesse período – em que

pesem os limites e equívocos desse projeto político –, quando fizemos os direitistas conviverem com ideias e ações em tudo contrárias a seus desejos e valores.

Além disso, num país de profundas e extensas carências, é inevitável que pessoas busquem sustentar sua esperança irrisória em programas de evangelização que cobram dízimos para aplacar aquelas necessidades de pessoas sem acesso algum à informação correta e crítica capaz de elucidar seus direitos e deveres e de lhes garantir equidade social. Em vez disso, mergulham essas pessoas seus passos em doutrinas religiosas pervertidas que, aqui e além, ampliam a fonte do conservadorismo no Ocidente cristão e no Oriente religioso, baseada nos livros bíblicos que alimentam cristãos, judeus e muçulmanos, além de outras vias religiosas de matriz patriarcal que recrudescem a raiz dos grandes problemas sociais da contemporaneidade: a fobia ao diferente religioso, social, ideológico, cultural, político, sexual, racial etc.

Nesse sentido, somos aqui no Brasil (e no mundo) os *estrangeiros* (índios, afrodescendentes, esquerdistas, ateus, mulheres, LGBTQI, portadores de necessidades especiais et al.) a forçar numa comunidade narcísica (ariana, nacionalista e integralista) nossa presença complexa, difícil, problemática. Se tolerada por algum tempo, em um determinado tempo será contida ou banida, como mostram tristemente os anais dos séculos em que a humanidade se debate. Por mais que lutemos, impeçamos, adiemos, conversemos, negociemos, em um algum momento Marine Le Penn, Heinz-Christian Strache ou Donald Trump ou outro perverso conseguem, com o aval daqueles que não compreendem o mundo senão pelo olho míope de seu umbigo estrito e lupino, a cadeira do poder, seja por 4 anos, seja por 20, seja por sabe-se lá quantos anos.

Assim, a pergunta “*onde estava guardada tanta monstruosidade? Houve um ponto ou marco crucial para a detonação de uma circunstância*”

como esta que vivemos hoje?” pode ser respondida sem nitidez e arriscadamente a partir de nossa natureza/cultura mesma. A outra questão (“*O que você imagina ou espera como coda do atual estágio da humanidade?*”) eu respondo com aflição e, ao mesmo tempo, sem perplexidade: não sei, porque, por um lado, parece inevitável que figuras nefastas consigam, em algum momento, se aproveitar da insanidade de uma comunidade, letrada ou não, para impor suas ideias malditas, porque excludentes e totalitárias. Por outro, ainda que a partir do recalque do lupino e do narcísico em prol de um ideal de civilidade, pode ser que consigamos ao menos evitar mais catástrofes, como a da Síria e a da ameaça norte-coreana. É um alento saber que na contramão da lupinidade, a poderosa Alemanha merkeliana, por exemplo, consegue alguma atenuação no tratamento de estrangeiros, desculpando-se sempre pelo horror de que seus antepassados foram agentes anos atrás. Mas o que ouço constantemente, mesmo entre refinados e aparentemente tolerantes indivíduos, é um indisfarçável *uivar* contra o diferente. Não sei se conseguiremos escapar algum diadisso.

Referências

SODRÉ, Paulo Roberto. *Poemas desconcertantes seguidos de Senhor Branco ou o indesejado das gentes*. Vitória: Editora Cousa, 2012.

_____. *Guido, a folha e o capim*. Vitória: Secretaria Estadual de Cultura do Espírito Santo, 2010.

_____. *O riso no jogo e o jogo no riso na sátira galego-portuguesa*. Vitória: Edufes, 2010.

_____. *Poemas de pó, poalha e poeira*. Vitória: Secretaria Estadual de Cultura do Espírito Santo, 2009.

_____. *Cantigas de madre galego-portuguesas*. Estudo de xéneros das cantigas líricas. Santiago de Compostela: Centro Ramón Piñeiro, 2008.

_____. *Senhor branco ou o indesejado das gentes*. Vitória: Secretaria Estadual de Cultura do Espírito Santo, 2006.

_____. *Um trovador na berlinda: as cantigas de amigo de Nuno Fernandez Torneol*. Cotia - São Paulo: Íbis, 1998.

_____. *De Ulisses a Telêmacos e outras epístolas*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1998.

_____. *Dos olhos, das mãos, dos dentes*. Vitória: Departamento Estadual de Cultura do Espírito Santo, 1992.

_____. *Lhecido: gavuras de sherazade na penúltima noite*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1989.

_____. *Ominho*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1987.

_____. *Interiores*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1984.